

ESCOLA DE GUERRA NAVAL

CC ALEXANDRE ERNESTO CORRÊA SAMPAIO

AS FORÇAS ARMADAS DA REPÚBLICA POPULAR DA CHINA:
as influências de Mao Tsé-Tung na atualidade.

Rio de Janeiro
2010

CC ALEXANDRE ERNESTO CORRÊA SAMPAIO

AS FORÇAS ARMADAS DA REPÚBLICA POPULAR DA CHINA:
as influências de Mao Tsé-Tung na atualidade.

Monografia apresentada à Escola de Guerra
Naval, como requisito parcial para a conclusão do
Curso de Estado-Maior para Oficiais Superiores.

Orientador: CF Alceu O. C. Jungstedt

Rio de Janeiro
Escola de Guerra Naval
2010

RESUMO

As Forças Armadas da República Popular da China ainda preservam diversos conceitos militares do líder e estrategista chinês Mao Tsé-Tung (1893-1976). Através de pesquisas bibliográficas e documentais, o objetivo é analisar os referidos conceitos de Mao, que são apresentados de forma comparativa, descrevendo as ideias relacionadas aos assuntos estratégicos e militares concebidas pelo líder chinês, confrontando com as características atualmente vigentes no Exército de Libertação Popular da China. Uma forma moderna de preparação para uma guerra com adesão popular é praticada, representada pela existência das milícias populares. As Forças Armadas permanecem subordinadas ao Partido Comunista da China e os militares recebem um doutrinação político constante, tal como foi idealizado por Mao. A China procura manter-se atualizada em termos de tecnologia militar, mas adapta as novas doutrinas e os equipamentos modernos à realidade e cultura chinesas. Adere à estratégia de defesa ativa, onde é valorizada a iniciativa das ações. Considerando a hipótese de combater contra um oponente superior, o Exército de Libertação Popular se prepara para empregar determinadas formas de Guerra Assimétrica em conjunto com ações psicológicas e modernas táticas de guerrilha no mar, resgatando os pensamentos tradicionais maoístas. Finalmente, o conceito de guerra prolongada, concebido por Mao durante a resistência e expulsão dos japoneses entre 1937 e 1945, continua em vigor sob um enfoque moderno, visando a retardar ou impedir o acesso do inimigo ao teatro de operações, a fim de ganhar tempo para a preparação para a guerra, desgastar o inimigo e auferir êxito na mesa de negociações. Conclui-se, por fim, que as Forças Armadas da China não estão baseadas somente em armas tecnologicamente avançadas, mas permanecem adotando os conceitos militares tradicionalistas de Mao Tsé-Tung.

Palavras-chave: Mao Tsé-Tung. China. Forças Armadas. Estratégia. Doutrina.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	4
2	MAO TSÉ-TUNG E O EXÉRCITO DE LIBERTAÇÃO POPULAR: EVOLUÇÃO DE DOCTRINAS E ESTRATÉGIAS	7
2.1	De 1927 a 1949: as Guerras Civis e a resistência aos japoneses.....	7
2.2	De 1949 a 1979: o pensamento estratégico de Mao na República Popular da China.....	9
2.3	De 1979 aos dias de hoje: as transformações e os ensinamentos de Mao resgatados.....	10
3	AS INFLUÊNCIAS DE MAO TSÉ-TUNG NA ATUALIDADE.....	14
3.1	A subordinação do Exército de Libertação Popular ao Partido Comunista da China.....	14
3.2	Doutrinamento político das Forças Armadas da República Popular da China ...	15
3.3	A Milícia	18
3.4	Revolução em Assuntos Militares com características chinesas	21
3.5	A Guerra Assimétrica	24
3.6	A Estratégia Militar de Defesa Ativa.....	27
3.7	A Guerra Psicológica.....	29
3.8	A Guerra Prolongada no século XXI: negar o uso do mar, Guerra Eletrônica e a Guerra Cibernética.....	32
4	CONCLUSÃO.....	36
	REFERÊNCIAS	39

1 INTRODUÇÃO

O acelerado crescimento da República Popular da China¹, tornando-a uma potência regional política e econômica, além do aumento de sua influência no cenário global possui, em uma primeira instância, implicações significativas para a região da Ásia e do Pacífico, e em uma segunda dimensão, para todo o mundo. Este pujante desenvolvimento vem acompanhado de indícios de estabilidade política e uma aparente postura pacífica, associada a uma participação cada vez maior nos assuntos do sistema internacional. Contudo, ainda permeiam algumas incertezas em torno das pretensões da China, principalmente em função da sua intensiva expansão na área militar e, conseqüentemente, de que forma suas Forças Armadas poderão ser empregadas (EUA, 2009a).

Segundo o Departamento de Defesa dos Estados Unidos da América (EUA, 2009a, p. I), atualmente, o Exército de Libertação Popular² (ELP) da China se encontra em fase de transformação. Desde 2002, a China vem promovendo uma modernização das suas Forças Armadas para que sejam capazes de combater e vencer conflitos de curta duração, de alta intensidade ao longo de suas fronteiras e contra adversários que possuam equipamentos com avançado nível tecnológico (CHINA, 2008).

Tal transformação vem se consubstanciando em aquisições de armamentos importados avançados, bem como em investimentos elevados nas indústrias nacionais de defesa, ciência e tecnologia³. O desenvolvimento de tecnologias militares visa a obter capacidade para a negação de acesso aos seus territórios (incluindo as águas jurisdicionais),

¹ Doravante, será empregado apenas o termo China em substituição ao nome completo República Popular da China.

² O termo traduzido do chinês para o inglês, People Liberation Army, normalmente encontrado na literatura com a sigla PLA, teria como tradução para o português o termo “Exército de Libertação Popular”. Entretanto, possui uma abrangência maior que um exército e corresponde à totalidade das Forças Armadas da China, compostas pela Força Terrestre, Marinha, Força Aérea e Segundo Corpo de Artilharia, responsável pelo emprego dos mísseis balísticos (MULVENON; YANG, 2002, p. 3). Neste trabalho, para referenciar as Forças Armadas da China, será utilizada, portanto, a sigla ELP.

³ O orçamento para área militar na China passou de 27,9 bilhões em 2000 para 60,1 bilhões de dólares americanos em 2008 (EUA, 2009a, p. VII).

assim como ao aprimoramento de armamentos nucleares, aeroespaciais e cibernéticos, o que vem alterando o balanceamento das forças militares regionais da Ásia (EUA, 2009a).

Contudo, pairam dúvidas a respeito da real capacidade das Forças Armadas chinesas. Estima-se que permanece limitada a sua capacidade logística para sustentar suas forças militares a longas distâncias. Além disso, como o ELP não participa de uma guerra contra um inimigo estrangeiro desde 1979⁴, não existem indicações de que os chineses tenham experiência em planejar e conduzir operações modernas, onde é fundamental integrar os evoluídos sistemas de armas e, principalmente, promover a interoperabilidade de suas Forças Armadas (EUA, 2009a).

Por esses motivos, os estudos militares chineses recentes reconhecem que as aquisições de equipamentos tecnologicamente avançados não garantem Forças Armadas eficazes. Conseqüentemente, em paralelo às modernizações do material, o ELP vem realizando uma grande reforma nos aspectos doutrinários e em sua estrutura organizacional (CLIFF *et al.*, 2007).

Segundo Scobell e Wortzel (2004), as tradições da China influenciam profundamente o pensamento dos líderes e militares chineses. De fato, a história da China antiga e as observações das experiências mais recentes guiam os debates internos do ELP a respeito de estratégias, métodos e desenvolvimento de novas armas e equipamentos militares. Nestes debates, os acadêmicos militares chineses também estão reexaminando os aspectos filosóficos da estratégia militar, tal como a ênfase dada pelo líder chinês Mao Tsé-Tung (1893-1976) ao valor relativo da estratégia e dos métodos, ou seja, a importância do homem *versus* o material, as novas armas e os sistemas modernos.

É neste cenário de incerteza de pretensões geopolíticas, de transformações ainda incompletas nas Forças Armadas da China e de inexistência de informações das mesmas em

⁴ Quando o Vietnã invadiu o Camboja em fevereiro de 1979, a China declarou guerra ao Vietnã alegando autodefesa (SCOBELL, 2002, p. 3).

combate desde 1979, que se justifica a importância do presente estudo.

Assim, o propósito deste trabalho é analisar a existência de algumas características tradicionais dos ensinamentos militares de Mao Tsé-Tung nas Forças Armadas da China, o que evidencia a sua validade nos dias de hoje.

Desta forma, será possível sugerir um ponto de partida para futuras reflexões a fim de se compreender, ainda que parcialmente, a forma tradicionalista do ELP ditar suas estratégias militares e de se comportar em certos aspectos operacionais, táticos e organizacionais, ainda influenciados por alguns conceitos de Mao.

Para alcançar tal propósito, inicialmente será apresentada uma resumida evolução histórica da doutrina e da estratégia militar da China nos séculos XX e XXI e apontar a influência de Mao nesta trajetória.

Em seguida, será estabelecido um paralelo entre as teorias de Mao e as características atuais das Forças Armadas da China que ainda permanecem sob sua influência ou que foram resgatadas e novamente introduzidas com uma releitura, adaptadas para uma nova realidade tecnológica do século XXI, sem que a essência maoísta fosse abandonada.

Nesse sentido, serão analisados os aspectos relacionados à subordinação dos militares ao partido político que governa o Estado chinês e ao doutrinação político dos militares. Então, serão enumeradas as características das milícias populares e examinados temas sobre Revolução de Assuntos Militares de características chinesas, Guerra Assimétrica e estratégia de defesa ativa. Ato contínuo, será abordado de que forma as ações psicológicas e o conceito de Guerra Prolongada são empregados atualmente pelo ELP.

Finalmente, pretende-se concluir que a estrutura militar chinesa está arraigada a alguns conceitos de um dos seus principais líderes históricos e que, portanto, está além de um patamar baseado somente em armas avançadas tecnologicamente.

2 MAO TSÉ-TUNG E O EXÉRCITO DE LIBERTAÇÃO POPULAR: EVOLUÇÃO DE DOUTRINAS E ESTRATÉGIAS

A ascensão de Mao Tsé-Tung como líder chinês e a sua influência sobre o pensamento militar do ELP são matérias inseparáveis que se entrelaçam desde a primeira Guerra Civil da China (1927-1937) e se perpetua até os dias de hoje, conforme será descrito a seguir.

2.1 De 1927 a 1949: as Guerras Civis e a resistência aos japoneses

O Exército Vermelho, a organização militar que deu origem ao ELP, foi fundado em agosto de 1927 para lutar contra as tropas do *Kuomintang*⁵, durante a primeira Guerra Civil da China. É neste contexto que se inicia a influência de Mao nas diretrizes do ELP.

Mao já figurava como líder no Partido Comunista da China (PCC) em 1927, quando organizou suas tropas na província de Hunan, que somavam cerca de dez mil homens, dos quais 82 por cento eram camponeses. Iniciava-se, assim, uma doutrina baseada na mobilização popular, que perduraria até os dias de hoje, conforme será esclarecido a seguir. Durante este mesmo período, Mao também estabeleceu o princípio de liderança absoluta do PCC sobre as unidades militares (LI, 2007).

A partir de 1928, Mao começou a empregar as táticas irregulares de guerrilha⁶ baseada no campesinato em detrimento da guerra de manobra convencional. Os membros da Comissão Militar Central (CMC) do PCC, órgão que até hoje estabelece as diretrizes

⁵ Partido Nacionalista Chinês, fundado em 1891 pelo reformista cristão Sun Yatsen (1866-1925), cuja formação ocorrera nos EUA. Sua ideologia política era “Nacionalismo, Democracia e Socialismo”. Inicialmente, o Partido Comunista da China era aliado ao *Kuomintang*, mas em 1927 houve o rompimento entre os dois partidos, iniciando uma disputa pelo poder na China (ALMOND, 2003, p. 93-97).

⁶ De acordo com o Glossário das Forças Armadas, guerrilha é uma “forma de guerra irregular que compreende as operações de combate executadas em território sob controle do inimigo, por forças predominantemente locais, de um modo militar ou paramilitar, a fim de reduzir a eficiência do governo estabelecido ou do poder de ocupação nos campos político, econômico, psicossocial e militar.” (BRASIL, 2007, p. 124).

militares, ficaram satisfeitos com a eficácia de Mao e emitiram instruções para que as demais unidades do Exército Vermelho recrutassem camponeses para os exércitos regulares e também empregassem as táticas da guerra de guerrilha (LI, 2007). Contudo, Mao sempre asseverou que as táticas de guerrilha complementam as ações dos exércitos regulares e não possuem qualidades para vencer a guerra isoladamente (TSÉ-TUNG, 1992).

Anos depois, por ocasião da Conferência do PCC em Zunyi, realizada durante a Longa Marcha (1934-1935)⁷, Mao obteve a liderança da CMC do PCC, marco fundamental para a história do ELP (MULVENON; YANG, 2002). A partir de então, as estratégias e táticas de Mao se tornaram a base do Exército Vermelho (LI, 2007, p.45).

Com a invasão dos japoneses em 1937⁸, o conflito entre comunistas e nacionalistas foi interrompido, a fim de que fosse formada uma frente única de resistência para expulsão dos invasores, liderada pelo PCC (ALMOND, 2002). As táticas de guerra de guerrilha de Mao foram empregadas com sucesso, tornando a população mais confiante para aderir com maior intensidade à causa de expulsão do inimigo (LI, 2007, p. 66).

A partir de maio de 1938, Mao começou a difundir a estratégia da Guerra Prolongada contra os japoneses. Como os considerava superiores em termos militares, Mao afirmava que não seria possível derrotá-los em uma guerra rápida, mas certamente após um longo período de luta (LI, 2007). Para Mao (1962, p. 141), a guerra de resistência aos japoneses deveria ser pautada em uma estratégia para ganhar tempo, auferir experiência em combates, desgastar o inimigo e recrutar mais soldados a fim de se preparar para uma contra-ofensiva vitoriosa, o que veio a ocorrer em 1945.

A partir da vitória sobre os japoneses, nenhuma novidade ocorreu em termos

⁷ A Longa Marcha foi uma retirada estratégica das tropas comunistas em função do êxito da 5ª Campanha de Cerco das tropas nacionalistas entre outubro de 1933 e outubro de 1934 (WORTZEL, 1999, p. 73).

⁸ Em 1937, os japoneses se lançaram na conquista das regiões central, norte e litorânea da costa meridional da China (Mandchúria), impondo uma ocupação brutal, repleta de crimes e atrocidades contra a população civil chinesa (VISACRO, 2009, p. 80).

doutrinários. Mao novamente evocou a adesão popular para a segunda Guerra Civil da China (1945-1949), desta vez para lutar contra o “imperialismo” norte-americano que apoiava o impopular *Kuomintang*, que se tornou corrupto, não controlou a hiperinflação e mostrou-se incompetente militarmente (LI, 2007).

Sob a liderança de Mao, a vitória dos comunistas veio em 1949, quando as tropas do ELP tomaram Pequim e o líder do *Kuomintang*, Chiang Kai-Shek (1887-1975) e seus correligionários se retiraram para a Ilha de Taiwan (ALMOND, 2002).

Portanto, pode-se aduzir que Mao foi fundamental para a formação da base doutrinária do ELP, ao identificar as estratégias apropriadas para obter as vitórias militares, concebendo uma doutrina de mobilização popular, empregando as interações dos fatores operacionais espaço, tempo e força para a condução de uma estratégia de guerra popular prolongada, além do emprego de táticas de guerrilha complementares às ações dos exércitos regulares.

2.2 De 1949 a 1979: o pensamento estratégico de Mao na República Popular da China

Já exercendo as funções de líder da China, Mao continuou ditando as orientações para o ELP. Em discurso proferido durante a Conferência Consultiva de Política Nacional em julho de 1949, ele ressaltou que a defesa nacional deveria ser reforçada, não somente por um exército, mas também por uma força aérea e uma marinha (MULVENON; YANG, 2002).

Com o propósito de recuperar as ilhas ocupadas pelo *Kuomintang*, apesar da inexperiência em operações navais, Mao concluiu que para empreender uma campanha contra Taiwan, a China deveria dispor de treinamento anfíbio, apoio logístico por navios e superioridade aérea para contribuir com as ações do exército (MULVENON; YANG, 2002).

Entre o final da Guerra da Coreia (1950-1953) e 1979, o conceito principal que

orientava a preparação e o emprego do ELP centrava-se na defesa nacional e na percepção pessoal de Mao de que ocorreria uma guerra nuclear total. Esta avaliação se baseava na premissa de que a então União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) pretendia invadir a China. Diante de um adversário que dispunha de um aparato tecnológico superior, o líder chinês asseverava que o ELP deveria compensar sua inferioridade tecnológica com o uso do seu extenso território, grande quantidade de mão-de-obra e com a otimização do fator tempo (LI, 2006).

Além disso, Mao fomentou o desenvolvimento de armas nucleares a partir de 1955, embora tenha estabelecido que o seu emprego se daria somente em situações de defesa da China (MULVENON; YANG, 2002).

Assim, pode-se concluir que Mao não se restringiu à valorização das tropas terrestres, mas foi determinante para a criação de uma marinha, uma força aérea, além do desenvolvimento e o emprego defensivo de armas nucleares. Além disso, Mao novamente enfatizou a importância das interações dos fatores operacionais espaço, tempo e força, mantendo uma estratégia de Guerra Prolongada baseada no apoio popular como condição *sine qua non* para se conseguir a vitória diante de um adversário mais forte.

2.3 De 1979 aos dias de hoje: as transformações e os ensinamentos de Mao resgatados

Após 1979, apesar da hipótese de uma invasão da antiga URSS não ter se alterado, o ELP realizou algumas modificações nas estratégias e nas doutrinas operacionais, onde a ideia central era derrotar o inimigo nas proximidades das fronteiras, embora não se tenha rejeitado totalmente os conceitos de Guerra Prolongada de Mao (LI, 2006). Entendia-se que a ex-URSS não teria a intenção de ocupar todo o território da China, mas sim algumas áreas de fronteira, o que demandava adotar a iniciativa das ações, em uma estratégia de defesa

ativa (CLIFF *et al.*, 2007). Este conceito, concebido por Mao, será analisado mais adiante.

Por volta de 1985, em face do declínio da ex-URSS e o fim da Guerra Fria (1947-1991), os estrategistas do ELP avaliaram que a probabilidade de uma invasão estrangeira e as intenções de conquistar a China haviam recuado. Como os potenciais inimigos não dispunham de grandes forças militares como as duas grandes superpotências da Guerra Fria, seriam mais prováveis os conflitos locais, limitados, envolvendo disputas marítimas e terrestres, que seriam de curta duração e cujos teatros de operações se dariam no alto-mar ou em regiões remotas de fronteira, pouco povoadas e de difícil acesso.

Portanto, seriam necessárias Forças Armadas dotadas de equipamentos tecnologicamente avançados e que permitissem um deslocamento rápido. Como resultado, reduziu-se a vantagem das interações dos fatores operacionais espaço, tempo e força anteriormente formulados. Os novos princípios estratégicos deveriam se basear no emprego de tropas especiais, não necessariamente superiores em quantidade, que tivessem a iniciativa das ações para desferir o primeiro ataque, a fim de que uma rápida batalha forçasse uma rápida solução política (LI, 2006).

A Guerra do Golfo em 1991 e a crise do Estreito de Taiwan (1996) foram os eventos que motivaram os estrategistas do ELP a considerar que o cenário mais provável de emprego das Forças Armadas seria um conflito local de médio porte, entretanto, sem abandonar as hipóteses de pequenos conflitos formuladas em 1985. Assim, ao contrário da maioria das campanhas já realizadas, que eram eminentemente terrestres, o ELP deveria enfatizar as operações conjuntas, abrangendo emprego de mísseis balísticos, operações de inteligência, aéreas, navais, terrestres e de desembarque anfíbio (LI, 2006).

Como resultado, foi atribuído um valor semelhante para as quatro Forças Armadas⁹, onde cada uma exerceria a liderança sobre as demais durante as campanhas, cujos

⁹ A respeito das quatro Forças Armadas da China, ver nota de rodapé 2.

teatros de operações apresentassem um predomínio de suas respectivas áreas de especialização. Para que ocorresse este tipo de coordenação, dever-se-ia cultivar a consciência de igualdade e parceria entre as Forças Armadas, reforçando os serviços de comando e controle com equipamentos de tecnologia avançada (LI, 2006). Assim, por volta de 1997, a modernização do ELP se encontrava focada na mecanização e na aquisição de equipamentos tecnologicamente avançados. O conceito de operações conjuntas foi articulado de tal forma a dar uma aplicação operacional aos novos equipamentos.

Para evitar o atraso tecnológico que ainda permanecia, uma nova política foi elaborada e aprovada pelo CMC no final de 2002 – que ainda se encontra em vigor – para orientar a transformação do ELP, a fim de realizar uma modernização em termos de mecanização e de informatização, reduzir os efetivos e simultaneamente utilizar o novo conceito de operações conjuntas integradas¹⁰.

Apesar das transformações supracitadas, fundamentadas na valorização de equipamentos modernos, a China resgatou a essência da doutrina de Guerra Popular de Mao, presente na Política de Defesa Nacional da China de 2008:

Esta diretriz adota o conceito estratégico de Guerra Popular. [...] a China confia sempre no seu povo para construir a defesa nacional. As Forças Armadas combinam uma força permanente e reduzida, com uma poderosa força de reserva [...]. A China se esforça para fazer **inovações de conteúdo e de formas da Guerra Popular**, explorando novas abordagens de participação do povo na guerra, no apoio à frente de combate e no desenvolvimento de novas estratégias e táticas para Guerra Popular, baseado em um modelo de informatização (CHINA, 2008, p. 9, tradução nossa, grifo nosso).

Logo, estima-se que o conceito de Guerra Popular maoísta deverá ser mantido pela China, pois se justifica na medida em que incorpora ideais de justiça, corrobora o uso da força militar em situações de defesa e é o elo de ligação entre o povo e as Forças Armadas.

¹⁰ Para a China, as operações conjuntas integradas compreendem as operações navais, terrestres, aeroespaciais e de guerra eletrônica e os seus respectivos elementos essenciais de informação, vigilância, reconhecimento, comando, controle, comunicações, computadores, plataformas de armas digitais interconectadas e logística integrada (LI, 2006, p. 8).

Caso contrário, a doutrina militar chinesa passaria a ser dominada pela tecnologia, o que contraria os princípios milenares chineses de valorização do homem (MULVENON; YANG, 2001, p. 134).

Pode-se concluir que, desde 1927, a China tem adaptado suas estratégias e doutrinas de acordo com as hipóteses de emprego de suas Forças Armadas. Desde então, a China vem realizando constantemente uma análise da conjuntura internacional e, em face de uma ampla e recente modernização de seus equipamentos militares, mantém-se atualizada a respeito das novas doutrinas existentes e utilizadas por outros Estados nos conflitos contemporâneos.

Entretanto, pode-se observar que a influência de Mao permanece, ao se resgatar um conceito estratégico de defesa ativa, que será analisado no próximo capítulo. Além disso, a despeito das novas hipóteses de emprego de suas Forças Armadas e das recentes inovações tecnológicas incorporadas, pode-se afirmar que a China resgata o conceito de Guerra Popular de Mao, agora sem a conotação clássica de adesão do campesinato com armas em punho, mas com um sentido renovado de mobilização intelectual em prol do desenvolvimento científico-tecnológico que apoiará, em última análise, a defesa nacional.

A influência dos pensamentos militares de Mao não se resume à Guerra Popular. Conforme será abordado a seguir, alguns de seus conceitos ainda hoje vigoram na esfera militar da China contemporânea.

3 AS INFLUÊNCIAS DE MAO TSÉ-TUNG NA ATUALIDADE

Em continuidade ao novo enfoque da Guerra Popular nos dias de hoje citado anteriormente, serão apresentados a seguir alguns conceitos de Mao que ainda perduram nas Forças Armadas da China atualmente.

3.1 A subordinação do Exército de Libertação Popular ao Partido Comunista da China

Para o entendimento do presente estudo, é fundamental descrever a estrutura organizacional das Forças Armadas da China, haja vista que possuem peculiaridades que não se apresentam normalmente nos Estados ocidentais.

De acordo com Mulvenon e Yang (2002), as Forças Armadas da China são denominadas de Exército de Libertação Popular (ELP), que é subordinada à CMC, órgão vinculado ao PCC, responsável por estabelecer as diretrizes da estratégia militar nacional, bem como de todo o esforço de guerra. É a CMC quem determina os objetivos políticos da guerra. Além disso, a CMC possui a atribuição de ditar a política operacional da estratégia militar e das Forças Armadas, desenvolve planos militares, aprova o desenvolvimento de armamentos e aquisições no exterior, determina a estrutura organizacional do ELP, suas missões e responsabilidades, aprova as promoções e condecorações dos oficiais mais antigos e coordena o orçamento do ELP com o Conselho de Estado.

A mais evidente herança da doutrina maoísta é a referida subordinação das Forças Armadas ao partido político que governa a China, o PCC. Em 1928, Mao estabeleceu o princípio de liderança absoluta do PCC sobre o exército (LI, 2007, p. 53). Além disso, o líder chinês considerava que o exército deveria estar sob a direção de um partido orientado pela

teoria marxista-leninista, que representava uma das três armas para se derrotar o inimigo¹¹ (TSÉ-TUNG, 2006).

Esse princípio perdura até hoje e para reforçar esta organização, em 2003 a China promulgou um novo Regulamento de Atividades Políticas para o ELP, a fim de garantir a liderança incondicional do partido sobre as Forças Armadas (CHINA, 2004).

A atualidade da influência de Mao se evidencia no discurso proferido pelo atual presidente da China Hu Jintao, durante o 17º Congresso do PCC:

Para que as Forças Armadas possam realizar plenamente suas missões históricas estabelecidas pelo Partido e pelo povo nesta nova fase em um novo século, nós devemos sempre seguir a diretriz do pensamento militar de Mao Tsé-Tung. [...] Devemos sempre respeitar o princípio fundamental de o Partido exercer a liderança absoluta sobre as Forças Armadas e a finalidade fundamental das Forças Armadas em servir ao povo (CHINA, 2007b, p. 26, tradução nossa).

Esta subordinação se justifica junto ao povo atualmente em função do sucesso do PCC ao proporcionar um pujante desenvolvimento do Estado em todas as expressões do seu Poder Nacional (EUA, 2009a).

Assim, pode-se aduzir que a China segue as orientações básicas de Mao no que se refere ao controle das Forças Armadas pelo PCC, buscando reforçar esta posição de forma renitente por meio de renovação de regulamentos.

3.2 Doutrinação político das Forças Armadas da República Popular da China

Desde 28 de dezembro de 1929, quando ocorreu a 9ª Conferência do PCC em Gutian, o sistema de liderança e educação política do PCC representa uma importante instituição organizada dentro das fileiras do ELP. Naquela oportunidade, Mao argumentou que seria importante implementar uma “filial” do PCC ao nível das companhias do exército,

¹¹ As demais armas seriam o Partido Comunista e o povo chinês. Mao os denominava “Instrumentos Mágicos” (KAMPHAUSEN; LAI; SCOBELL, 2009, p. 8).

pois assim os soldados teriam um representante do PCC em seu próprio meio, o que traria três benefícios: prover ao PCC meios para monitorar a opinião política dentro das unidades; influenciar os soldados e seus líderes a respeito das idéias comunistas; e prover uma noção mais visível aos soldados sobre o sistema de representação popular. Assim, foi criado o sistema de Comissariado de Política dentro do ELP, que existe até os dias de hoje (MULVENON; YANG, 2002).

Com o Comissariado de Política, Mao pôde prover doutrinação política aos soldados. Ele sustentava que o conhecimento da ideologia política representava um fator de força imprescindível para as tropas de guerrilha, cujos integrantes deveriam compreender precisamente o objetivo político da luta e da organização política. Assim, os soldados poderiam enfrentar a guerra de forma mais consciente, sem que houvesse questionamentos e ponderações (TSÉ-TUNG, 1962). Segundo Mao:

[...] a mobilização política [...] significa dizer ao exército e às pessoas sobre o objetivo político da guerra. É necessário que todos os soldados e civis conheçam por que a guerra deve ser travada e como isso lhe diz respeito. [...] Nosso trabalho não é recitar o nosso programa político para o povo, pois ninguém irá ouvi-las; **temos que associar a mobilização política para a guerra com a evolução da guerra e com a vida dos soldados e do povo, e fazê-lo um movimento contínuo.** Esta é uma questão de enorme importância, da qual depende a nossa vitória na guerra (TSÉ-TUNG, 1967a, p.60-61, tradução nossa, grifo nosso).

Atualmente, o sistema de Comissariado de Política continua sendo o modo pelo qual o PCC retém o controle sobre os militares. Existe um instrutor de política para cada unidade militar no nível de companhia, que possui a mesma autoridade que o comandante; em um batalhão, existe um diretor de política e no escalão de um regimento e níveis superiores, existem os comissários de política e seus respectivos assistentes, que supervisionam o trabalho do PCC no ELP (MULVENON; YANG, 2002). Desta forma, “[...] permanece o conceito maoísta de que os comissários de política e os comandantes militares, em um exercício conjunto de mando, assegurariam que as operações militares seriam conduzidas exatamente de acordo com os objetivos políticos.” (WHITSON; HUANG, 1973).

Em janeiro de 2007, o Departamento Geral de Política¹² emitiu o documento “Orientação para a ideologia e educação política de libertação do povo chinês” (CHINA, 2007a). Este documento materializa a filosofia de doutrinação do PCC para as Forças Armadas, estabelecendo teorias políticas e orientação ideológica, regulamenta cientificamente a educação política para todas as Forças Armadas e fortalece o desenvolvimento de regras e regulamentos para esse tipo de instrução. Prosseguindo neste mesmo sentido, de acordo com a Política Nacional de Defesa da China de 2008 (CHINA, 2008), o ELP desenvolveu um novo trabalho ideológico e político, para garantir a liderança absoluta do PCC sobre as Forças Armadas e assim cumprir as orientações do Departamento Geral de Política.

Segundo Blasko (2006b), o sistema político oficial do ELP vem trabalhando cada vez mais próximo aos comandantes militares, orientando o trabalho político e ideológico em todos os níveis e está se tornando mais proficiente tecnicamente e taticamente para melhor se integrar às Forças Armadas.

Durante as guerras civis e de resistência aos japoneses desde 1920 até 1949, Mao percebeu que teria enorme dificuldade em estabelecer comunicações fidedignas com seus soldados, em função do vasto território. Assim, o pleno conhecimento da causa política era fundamental para a vitória. Portanto, é possível afirmar que a China mantém o doutrinação político dos militares até os dias de hoje, associado à presença de representantes do partido nas unidades militares, pois permitem que as regras de comportamento operativo¹³, ou seja, a tradução dos objetivos políticos e estratégicos da guerra para o nível operacional, tornem-se de fácil compreensão, proporcionando aos líderes militares maior agilidade e rapidez na tomada de decisões, contribuindo para a iniciativa das ações.

¹² Órgão subordinado à CMC e com precedência sobre o ELP, que orienta o doutrinação político das Forças Armadas (MULVENON E YANG, 2002, p. 96).

¹³ “Diretrizes de conduta operativa para as situações que poderão surgir no cumprimento das tarefas atribuídas a um comandante de força ou de unidade isolada. Relacionam-se às circunstâncias políticas existentes e às limitações do direito, estabelecendo o grau de intensidade e as modalidades de emprego autorizado da força, com a garantia de controle precioso sobre sua execução.” (BRASIL, 2007, p. 225).

3.3 A Milícia

Para entender as funções da milícia no contexto militar da China, é preciso, inicialmente, apresentar a estrutura organizacional das forças terrestres do ELP, que são divididas, segundo Mulvenon e Yang (2002), da seguinte forma:

- a) unidades de forças principais, que, embora estejam estabelecidas em locais específicos, podem se deslocar através do território conforme necessário;
- b) forças regionais, responsáveis pela defesa das áreas onde se encontram localizadas, que consistem de tropas da ativa e da reserva das unidades da Polícia Armada Popular (PAP)¹⁴;
- c) as unidades de milícia.

A milícia, componente paramilitar da força terrestre do ELP, merece destaque neste estudo. Foi criada por Mao para ser empregada como força reserva e, portanto, separou-a das funções do exército regular. Assim, as milícias aumentavam os efetivos dos exércitos regulares em caso de necessidade e realizavam tarefas de reconhecimento, engodo, mascaramento de movimentação de tropas, guarda de prisioneiros e tratamento e transporte de feridos (GRIFFITH, 1967).

No período de resistência à invasão japonesa (1937-1945), por exemplo, as milícias foram responsáveis por realizar uma série de sabotagens em estradas, utilizando minas terrestres caseiras para dificultar a mobilidade das tropas inimigas. Construíram uma rede de túneis subterrâneos que conectavam várias vilas, permitindo a movimentação das tropas de guerrilha, transporte de suprimentos e disseminação de informações (TING, 1954).

Além dessas atribuições, Mao considerou que as milícias locais seriam uma das fontes para compor as unidades da guerra de guerrilhas (TSÉ-TUNG, 1992). Segundo Mao,

¹⁴ Em inglês, People's Armed Police.

“Para alcançar a vitória, nós [os chineses] devemos perseverar em uma guerra de resistência, em uma frente unida, em uma guerra prolongada. Mas tudo isso é inseparável da mobilização das pessoas comuns.” (TSÉ-TUNG, 1967b, p. 60).

A partir da Revolução Chinesa de 1949, as milícias participaram da Guerra da Coreia (1950-1953) e contra o Vietnã (1979), mantendo a mesma essência concebida por Mao, no sentido de apoiar as tropas regulares (ROBERTS, 1983).

Atualmente, de acordo com a Política Nacional de Defesa da China de 2004, a milícia é uma organização composta por civis que não abandonam seus trabalhos regulares e é dividida em primária e comum. A milícia primária é composta por destacamentos de reação rápida, de infantaria e de técnicos especializados. Seus componentes são jovens selecionados entre dezoito e vinte e dois anos que recebem de trinta a quarenta dias de instruções militares. A milícia comum é formada por outros chineses de dezoito a trinta e cinco anos que são habilitados para uma força reserva (CHINA, 2004). A quantidade atual de integrantes das milícias é estimada em cerca de oito milhões de chineses (EUA, 2009a).

As milícias recebem os equipamentos considerados obsoletos que são transferidos das unidades militares regulares que se encontram em fase de desmobilização, por força do programa de redução de efetivos das Forças Armadas (MULVENON; YANG, 2002). Supõe-se que o orçamento das milícias foi de um bilhão de dólares em 2007¹⁵ para treinamento, manutenção e aquisição de equipamentos.

Tamanha é a importância das milícias para o governo da China, que o atual Presidente Hu Jintao, por ocasião do seu discurso no 17º Congresso do PCC, afirmou a necessidade de aperfeiçoar a qualidade das milícias (CHINA, 2007b).

A tarefa precípua das milícias é a defesa dos territórios em caso de invasão estrangeira, provendo o suporte logístico e de combate às unidades principais do Exército.

¹⁵ Em setembro de 2008, a China submeteu um relatório à Organização das Nações Unidas (ONU) sobre seus gastos em defesa. Os custos com as milícias são destinados ao treinamento e à aquisição de equipamentos e não incluem salários, alimentação e vestuário do pessoal (EUA, 2009a, p. 33).

Podem ser empregadas na defesa antiaérea, suporte técnico para manutenção e reparo de equipamentos e em operações de sistemas informatizados. Para tanto, as milícias têm participado dos exercícios militares conjuntos de grande vulto com mais frequência do que em décadas anteriores (BLASKO, 2006a; KAMPHAUSEN; SCOBELL, 2007).

Secundariamente, as milícias são mobilizadas para atuar como equipes de defesa civil em desastres naturais, tais como terremotos, incêndios florestais, enchentes e tempestades de neve (EUA, 2009a).

As milícias não se restringem ao componente terrestre. No início dos anos 1950, Mao organizou uma milícia marítima para defender a frota pesqueira e o comércio costeiro contra as agressões das forças navais do *Kuomintang*. As milícias marítimas eram compostas por embarcações pesqueiras armadas com metralhadoras e eram controladas pelas sucursais locais do PCC (MULVENON; YANG, 2002).

Em maio de 2008, embarcações pesqueiras pertencentes à *Militia Offshore Support Detachment*¹⁶ reabasteceram dois navios de guerra da Marinha chinesa na costa de Zhejiang, a 177 quilômetros de Shangai. Foram fornecidos munição, combustível e outros itens de suprimento (EUA, 2009a). Outra participação observada é a atividade de embarcações pesqueiras de arrasto realizando levantamento do leito do oceano ao longo da região marítima da área denominada “Colar de Pérolas”¹⁷, a fim de obter dados para operações submarinas (PEHRSON, 2006).

Assim, pode-se afirmar que as atividades exercidas pelas milícias permitem que as Forças Armadas da China se dediquem exclusivamente à sua missão precípua, sem que haja

¹⁶ Uma possível tradução seria Destacamento de Milícia para Apoio Marítimo. Esta organização citada pelo Departamento de Defesa dos EUA (EUA, 2009a), não foi encontrada em qualquer outra referência. Contudo, algumas embarcações de menor porte, que incluem desde modernos navios-patrolha da classe *Huang* equipados com mísseis, até pequenas embarcações de patrulha fluvial, são atribuídos à Polícia Armada Popular (PAP), à Agência de Segurança Marítima (MSA), ao Serviço de Aduana, ou às **milícias marítimas** (MULVENON; YANG, 2002, p. 489, grifo nosso).

¹⁷ “Colar de Pérolas” é a região de interesse geopolítico da China, ao longo do Mar da China, Estreito de Málaca e Oceano Índico até o Golfo Pérsico, que abrange as linhas de comunicações marítimas fundamentais para o comércio de petróleo proveniente do Oriente Médio e da África (PEHRSON, 2006, p. 3).

um desvio de função para cumprimento de tarefas subsidiárias. Além disso, permitem uma interação do cidadão comum com as atividades militares, cujos treinamentos prévios facilitam a mobilização popular em caso de conflito.

Por fim, em face do exposto, pode-se concluir que as atividades exercidas atualmente por este tipo de efetivo na organização do ELP, composta essencialmente por populares em apoio às forças regulares, representam uma forte evidência da influência de Mao na estrutura militar da China atual.

3.4 Revolução em Assuntos Militares com características chinesas

As adaptações de novos conceitos e tecnologias para a realidade de um povo e seu tempo representam uma forte influência de Mao. Ele incentivou o aprendizado resultante das próprias experiências chinesas e criticou o uso irrestrito dos conceitos das leis da guerra copiados de estrangeiros – embora não as descartasse – sem que houvesse um juízo de valor, sob o risco de derrota. Acrescentou que, embora se devesse “[...] estudar cuidadosamente as lições aprendidas nas guerras passadas que nos foram legadas ao custo de sangue [...]” (TSÉ-TUNG, 1962, p. 81), os estudos militares deveriam apresentar suas próprias conclusões, absorvendo somente o que é útil.

Em outras palavras, Mao queria dizer que as teorias militares e determinados equipamentos não devem ser empregados “cegamente”, mas somente quando houver êxito de sua aplicação em outras circunstâncias por outros protagonistas. Neste mesmo sentido, o estrategista chinês asseverou a necessidade de se adequar as ditas teorias às peculiaridades chinesas:

As leis da guerra são um problema que quem dirige uma guerra deve estudar e resolver. As leis da guerra revolucionária são um problema que quem dirige uma guerra revolucionária deve estudar e resolver. As leis da guerra revolucionária da China são um problema, que quem dirige a guerra revolucionária da China deve estudar e resolver (TSE-TUNG, 1967a, p. 77, tradução nossa).

Atualmente, de acordo com Mulvenon e Yang (2002), os gerentes de aquisição de novos equipamentos do ELP ainda consideram que a incorporação das inovações deve seguir um estilo maoísta, ou seja, é incentivado pelos altos escalões do ELP que as novas tecnologias ou processos militares sejam concebidos originalmente pelos próprios chineses ou adaptados para se adequar à realidade da cultura chinesa. Esta política é “[...] remanescente do período maoísta, durante o qual eram produzidas inovações tecnológicas, ainda que fossem primitivas ou difíceis de utilizar e, por vezes, até perigosas, em nome do aprendizado da população.” (MULVENON; YANG, 2002, p. 300, tradução nossa).

Seguindo exatamente os ensinamentos de Mao, de acordo com Kamphausen e Scobell (2007, p. 102-103) e Fravel (2008) a China promoveu uma profunda transformação em suas Forças Armadas, fruto dos estudos realizados sobre a Guerra do Golfo (1990-1991).

Como consequência de tais estudos, a Política Nacional de Defesa da China de 2004 apresentou um capítulo específico sobre “Revolução em Assuntos Militares (RAM) **com características chinesas**” (CHINA, 2004, tradução nossa, grifo nosso). Este capítulo abrange todos os aspectos de transformação e modernização das Forças Armadas chinesas, que, resumidamente são os seguintes: redução de efetivos, melhorias para a Marinha, Força Aérea e 2º Corpo de Artilharia, aceleração da informatização e da modernização de armas e equipamentos, implementação de um projeto estratégico para educação, intensificação de exercícios conjuntos e a realização de reformas logísticas.

Em termos doutrinários, a China (2004) ressaltou que o ELP desenvolve suas próprias teorias militares com espírito inovador. Seu objetivo de longo prazo é criar uma indústria de defesa totalmente nacional e independente, de tal maneira que possa atender à modernização do ELP e ainda competir com os principais fabricantes mundiais. O atual Presidente da China Hu Jintao expressou seu pensamento durante o 17º Congresso do PCC:

Nós devemos estabelecer fábricas e sistemas de pesquisas de armas e equipamentos [...] e combinar os esforços militares com o apoio civil, construir as Forças Armadas com diligência e economia e abrir um caminho de desenvolvimento com **características chinesas** representado pela integração de militares e civis (CHINA, 2007b, p. 20, tradução nossa).

Segundo o Departamento de Defesa dos EUA (EUA, 2009a), os chineses continuaram a analisar as operações dos EUA, desta vez na Guerra do Iraque (2003-2010) e do Afeganistão (2001-), permitindo que as diretrizes emanadas em 2004 já alcançassem alguns resultados satisfatórios. Como exemplo, o ELP está implementando mudanças nos seus modelos de combate das forças terrestres. O padrão tradicional de guerra terrestre, empregando o ataque em massa visando à destruição e a atrição, está sendo substituído por um novo modelo de “informação e poder de fogo”, no qual o componente terrestre é integrado às demais forças, visando uma rápida ocupação de alvos estratégicos no campo de batalha.

Diversos são os exemplos de doutrinas e inovações tecnológicas que a China adaptou para sua realidade, tais como (EUA, 2009a):

- a) o emprego das operações conjuntas integradas, a fim de adestrar as quatro Forças Armadas e as milícias nas áreas de comando e controle, inteligência e logística;
- b) o desenvolvimento de programas espaciais e satélites;
- c) o desenvolvimento de um sistema de navegação por satélites independente do sistema norte-americano *Global Positioning System* (GPS), denominado *BeiDou-1*, que consiste de três satélites e atende a propósitos civis e militares a nível regional. Estima-se que entre 2015 e 2020, o sistema *BeiDou-2/Compass* terá abrangência mundial;
- d) o desenvolvimento de armas espaciais, como um míssil anti-satélite, testado em janeiro de 2007 contra um satélite meteorológico da própria China;
- e) investimentos em medidas de proteção eletrônicas, tais como despistadores

infra-vermelhos e eletrônicos, refletores e geradores de alvos falsos;

- f) a doutrina de guerra cibernética, para desenvolver vírus com o propósito de atacar os sistemas de redes de computadores inimigos e táticas de defesa para proteger seus próprios sistemas.

Portanto, pode-se concluir que a China demonstra a sua preocupação em se atualizar, considerando as novas doutrinas e tendências tecnológicas mundiais, mas persegue um elevado índice de nacionalização, minimizando as vulnerabilidades logísticas em caso de conflito, mantendo-se fiel às capacidades e limitações do seu povo, fazendo as adaptações necessárias para as características chinesas, tal como era incentivado por Mao.

3.5 A Guerra Assimétrica¹⁸

A busca pela renovação tecnológica em termos de assuntos militares é uma constante para a China. Embora alguns estudiosos militares chineses adotem uma abordagem holística para os assuntos militares, utilizem um pensamento dialético e relativista, a maioria dos acadêmicos militares chineses afirma ser necessário que a China tenha menos tecnologia, armamentos e equipamentos. Trata-se de uma filosofia maoísta, qual seja, o valor do homem sobre o material (SCOBELL; WORTZEL, 2004).

Segundo Jiang (1997), Mao, em setembro de 1953, foi o primeiro a enfatizar também a possibilidade de empregar equipamentos inferiores para derrotar os inimigos com equipamentos mais modernos.

Assim, diante de um dilema, os estudiosos chineses têm tratado os assuntos

¹⁸ “Guerra entre países (*sic*), partes, facções, ou qualquer combinação que apresente grande desequilíbrio em alguma grandeza, forma ou posição relativa. Essa assimetria pode estar representada pela diferença de poder econômico e financeiro, de capacidade bélica, de estruturação organizacional ou ainda de definição de objetivos, resultados, ou comportamento. Caracteriza-se pelo fato de o contendor, inferiorizado acentuadamente nas condições de combate, utilizar-se de meios e métodos não-convencionais”. (BRASIL, 2007, p. 123).

militares considerando as virtudes de várias linhas de pensamento. Em outras palavras, eles concluíram que o ELP deve continuar a estudar e aplicar sua rica tradição de estratégia superior e arte da guerra, desenvolver ciência e tecnologia em prol dos assuntos militares e finalmente, validar o estratagema de que o mais fraco pode derrotar o mais forte (SCOBELL; WORTZEL, 2004). Para Jiang:

Existem oportunidades para derrotar os adversários, mesmo com as armas mais avançadas. [...] se a China enfrentar um inimigo com tecnologia e equipamentos superiores em uma guerra local, é impossível que o inimigo também tenha superioridade global na política, diplomacia e geografia (JIANG, 1997, p. 112-114, tradução nossa).

Um artigo publicado no periódico *Liberation Army Daily*, postou: “Um inimigo mais forte com superioridade absoluta, não o é sem uma fraqueza [...] nossa preparação militar deve ser mais diretamente apontada para encontrar táticas para explorar as fraquezas de um inimigo poderoso.” (1999, *apud* EUA, 2009a, p. 17, tradução nossa). No mesmo sentido, os estrategistas chineses têm a convicção de que, mesmo um adversário com armas superiores não será capaz de manter a superioridade absoluta em todos os aspectos (CLIFF *et al.*, 2007).

Logo, as afirmativas acima representam pontos de referência para afirmar que na doutrina militar chinesa contemporânea permanecem presentes os ensinamentos de Mao de guerra assimétrica, onde o mais forte pode ser derrotado, tal como na Guerra Civil Chinesa contra as tropas do *Kuomintang* (1927-1937 e 1945-1949), na Guerra Sino-Japonesa (1937-1945) e na Guerra da Coreia (1950-1953) contra os norte-americanos.

A sua extensa frota de submarinos¹⁹, minas navais avançadas, operações de rede de computadores, forças de operações especiais e os conceitos de Guerra Psicológica, de Guerra de Mídia e Guerra Jurídica, aprovados pela CMC em 2003, caracterizam os indícios

¹⁹ Segundo o Escritório de Inteligência Naval dos EUA, a China possui 53 submarinos de propulsão diesel-elétrica, seis submarinos nucleares de ataque e três submarinos nucleares lançadores de mísseis balísticos (EUA, 2009b, p. 21).

de que a China se prepara, também, para uma guerra assimétrica (EUA, 2009a).

Segundo Pillsbury (2000), os estudiosos do ELP analisaram o sistema logístico dos EUA na Guerra do Golfo (1990-1991) a fim de avaliar meios para explorar as vulnerabilidades logísticas de um sistema avançado como o norte-americano e assim poder desenvolver uma estratégia para que um poder mais fraco possa deter ou até mesmo derrotar um poder mais forte.

De seu lado, pretendendo identificar uma vulnerabilidade crítica e adotar uma forma de guerra assimétrica, a China estuda a crescente dependência dos EUA da tecnologia da informação para exercer o comando e o controle das suas forças, para estabelecer comunicações e executar ações de inteligência. Um ataque a este requisito crítico reduziria a capacidade dos EUA para conduzir as operações e aumentaria a força ofensiva do ELP. Além disso, permitiria resgatar o princípio da iniciativa no campo de batalha que foi amplamente difundido por Mao (MULVENON; YANG, 2001).

Esta opção doutrinária se justifica, pois, apesar dos enormes avanços tecnológicos, o ELP ainda encontra uma série de dificuldades para integrar as Forças Armadas, por ocasião dos exercícios militares. Reconhecendo tais deficiências, os líderes chineses enfatizam as estratégias assimétricas a fim de aproveitar as vantagens da China enquanto explora as vulnerabilidades dos seus oponentes em potencial (EUA, 2009a).

Portanto, pode-se concluir que os estudiosos chineses sobre assuntos militares, além de considerarem o avanço tecnológico fundamental para auferir sucesso na guerra moderna, também reexaminam as bases filosóficas, tal como a ênfase de Mao aos fundamentos referentes à estratégia e aos métodos para o caso de uma Guerra Assimétrica, ou seja, o valor do homem em relação às novas armas, visando, principalmente, a desenvolver o raciocínio para derrotar um oponente mais forte.

3.6 A Estratégia Militar de Defesa Ativa

Mao, em diversos escritos, apresentou o conceito de defesa ativa. Segundo ele, “Defesa ativa também é conhecida como defesa ofensiva, ou defesa por engajamentos decisivos. [...] A única defesa efetiva é a defesa ativa, a defesa que tem como propósito contra-atacar para adotar uma postura ofensiva.” (TSÉ-TUNG, 2005, p.43).

Mao enfatizava o princípio da ofensiva tática, mesmo em situações de defesa estratégica, dando origem ao termo “Estratégia Militar de Defesa Ativa”. Em outras palavras, defesa ativa é combater adotando uma postura estratégica defensiva e, simultaneamente, empregar operações ofensivas em níveis táticos (TSÉ-TUNG, 1992 e 1967a).

Embora esta doutrina estivesse inicialmente direcionada para a Guerra Revolucionária, a mesma linha de pensamento permaneceu após 1949, uma vez que os chineses seguiram o mesmo princípio defensivo, conforme afirmou Mao, citado por Scobell (2002, p. 9, tradução nossa): “Se não formos atacados, não atacaremos; entretanto, se alguém nos atacar, nós definitivamente iremos contra-atacar”. A fim de justificar a postura defensiva da China, o mesmo autor afirma que Mao declarava que a China não tinha interesse em terras estrangeiras (SCOBELL, 2002).

Tal assertiva é comprovada pelas atuações do ELP após 1949. Em certas oportunidades, alegando autodefesa, a China tomou a iniciativa e foi à guerra por ocasião dos conflitos fronteiriços com a Índia em 1962, com a ex-URSS em 1969 e com o Vietnã em 1979 (EUA, 2009a). Seguindo a mesma postura, no que se refere à política de reunificação com Taiwan, a China vem adotando meios não-militares desde 1979 (SCOBELL, 2002).

Atualmente, as elites chinesas acreditam que a tradição estratégica da China se mantém pacifista, não-expansionista e puramente defensiva. Contudo, é possível se justificar o uso da força de forma ofensiva, incluindo ataques preemptivos, mantendo-se a natureza

defensiva desses atos (SCOBELL, 2002).

Tal percepção foi ratificada a partir dos estudos da Guerra do Golfo (1990-1991), quando os acadêmicos militares chineses concluíram que seria necessário adotar uma estratégia de defesa ativa, em função das novas tecnologias militares que surgiram e que poderiam se tornar uma ameaça para a China (WORTZEL, 2007).

Com base nestes estudos, o conceito se materializou na Política Nacional de Defesa da China de 2008 (CHINA, 2008), que se intitula de natureza defensiva, através da referida “Estratégia Militar de Defesa Ativa”, priorizando a proteção da soberania nacional, a segurança, a integridade territorial, a salvaguarda dos interesses do desenvolvimento nacional e os interesses do povo chinês. Esta orientação tem como um dos pontos principais a condição de que a China adere a uma posição de autodefesa que considera a prudência no uso da força e a adoção de recursos militares somente após o início da agressão do inimigo.

O mesmo documento afirma ainda que a China continua comprometida com a política de não utilização de armas nucleares, persegue uma estratégia nuclear de autodefesa, e nunca entrará em uma corrida armamentista nuclear com qualquer outro Estado (CHINA, 2008). Neste caso, a política chinesa do *No First Use*, ou seja, não ser o primeiro contendor a utilizar armas nucleares, é considerada imutável, baseada nos axiomas estabelecidos por Mao (BROWN *et al.*, 2003).

A orientação militar estratégica de “defesa ativa” postula uma posição estratégica na qual a China não inicia guerras de agressão, mas se engaja em guerras unicamente para defender a soberania nacional e a integridade territorial sendo que, uma vez iniciado o conflito, a ênfase da campanha militar passará a ser a iniciativa e a aniquilação do inimigo. Em outras palavras, enquanto estrategicamente a orientação é a defesa ativa, no plano militar, a ênfase é a ofensiva, única maneira de ser alcançado o objetivo estratégico da defesa ativa. (EUA, 2009a).

Especificamente na defesa da área marítima, a China emprega um modelo semelhante de defesa ativa, denominado “*Offshore Active Defense*”, que enfoca as operações de defesa da costa até a primeira “cadeia de ilhas”²⁰ (EUA, 2009a).

Diante dos fatos, é válido traçar um paralelo entre a doutrina concebida por Mao e a atual doutrina estratégica da defesa ativa descrita na Política Nacional de Defesa da China de 2008. Pode-se concluir que se trata de uma clara inspiração no conceito concebido por Mao, na medida em que ambas as adotam uma postura primordialmente defensiva, sem pretensões expansionistas, mas reconhecem o valor da ofensiva e do ataque antecipado ao inimigo caso necessário, como única maneira de alcançar objetivos essencialmente defensivos.

3.7 A Guerra Psicológica

Mao sempre ressaltou a importância de resguardar as informações a fim de levar o inimigo a fazer julgamentos errados e conseqüentemente perder a superioridade e a iniciativa. Além disso, seu objetivo era atingir as mentes do oponente, como uma forma de Guerra Psicológica (TSÉ-TUNG, 1967b). Mao afirmou: “A fim de alcançar a vitória devemos tornar o inimigo cego e surdo, selando seus olhos e ouvidos a fim de levar seus comandantes de unidade à distração, criando confusão em suas mentes.” (TSÉ-TUNG, 1967b, p. 77, tradução nossa).

A aprovação do conceito de Guerra Psicológica²¹ em 2003 pela CMC demonstra a importância dada ao assunto pela China (EUA, 2009a). Para corroborar, a China estabeleceu

²⁰ Os militares do ELP conceberam a teoria de defesa marítima das duas “cadeias de ilhas”. A primeira cadeia é uma linha imaginária que se estende desde o extremo sul do Japão, passa a leste de Taiwan, a oeste das Filipinas, contorna o litoral norte da Malásia e termina no sul do Vietnã. A segunda “cadeia” de ilhas compreende a linha desde a região central do Japão até a Indonésia, incluindo o Mar das Filipinas (EUA, 2009a, p. 18).

²¹ Para a China, a Guerra Psicológica visa minar a capacidade do inimigo de conduzir operações de combate por meio de operações psicológicas destinadas a dissuadir, chocar e desmoralizar pessoal militar inimigo e populações civis (EUA, 2009a, p. 19, tradução nossa).

na Política Nacional de Defesa da China de 2008 que um dos elementos da estratégia de defesa ativa é causar um choque psicológico no inimigo, de forma a proporcionar uma situação que seja favorável à China (CHINA, 2008). Para aplicar esta doutrina, segundo Mulvenon e Yang (2002), o ELP dispõe de diversas unidades militares especializadas em Guerra Psicológica.

As formas de Guerra Psicológica da China contemporânea possuem várias vertentes: a Contrainteligência²², o desenvolvimento de novas tecnologias e o emprego de táticas de sondagem das reações do inimigo.

Inicialmente, pode-se afirmar que as informações a respeito da complexa estrutura de suas Forças Armadas são constantemente negadas, ainda que parcialmente. De forma recorrente, o Relatório do Departamento de Defesa dos EUA menciona a ausência de informações por parte das reais intenções da China, principalmente no que se refere ao desenvolvimento de armas e gastos com suas Forças Armadas. Em setembro de 2008, por exemplo, a China submeteu à Organização das Nações Unidas (ONU) um relatório a respeito dos gastos militares, utilizando um modelo de relatório resumido, ao invés do modelo padrão sugerido pela ONU, que exige informações mais completas (EUA, 2009a). Assim, a China adota uma postura pouco transparente, principalmente no que tange os assuntos militares, mantendo um oponente potencial confuso sobre suas reais capacidades e limitações.

A Guerra Psicológica também se mostra sob a forma do emprego de tecnologia. Os escritores chineses sobre assuntos militares ressaltam a importância da Guerra Espacial como forma de causar efeitos psicológicos ao adversário e impactar o seu desejo de lutar (EUA, 2009a). Os acadêmicos militares chineses sugerem que o teste de armas espaciais, especialmente em tempo de paz, pode abalar a percepção psicológica de um oponente em

²² “Ramo da atividade de inteligência voltado para a detecção, identificação, neutralização, obstrução e prevenção da atuação da Inteligência adversa e das ações de qualquer natureza que constituam ameaças à salvaguarda de dados, conhecimentos e seus suportes (documentos, áreas e instalações, pessoal, material e meios de tecnologia da informação) de interesse da sociedade e do Estado” (BRASIL, 2007, p. 66).

potencial e também modificar favoravelmente a dos próprios chineses (KAMPHAUSEN *et al.*, 2009).

O mesmo ocorre para o conceito de um contra-ataque nuclear pelo Segundo Corpo de Artilharia, que visa provocar um forte choque psicológico de tal forma que o adversário evite a escalada, interrompendo o uso de armas nucleares. Este conceito considera alvos civis e militares a fim de causar um trauma psicológico profundo e degradar as capacidades militares do adversário e o seu desejo de lutar. Os escritos do ELP sugerem que os ataques nucleares de retaliação teriam como principal propósito chocar o adversário, mais do que propriamente causar destruição (KAMPHAUSEN; SCOBELL, 2007).

Ainda considerando as novas tecnologias, a manipulação ou a destruição de dados por meio da Guerra Cibernética também pode ser percebida como um instrumento valioso para auxiliar a Guerra Psicológica. Para alguns estudiosos do ELP, a capacidade de deterência deste tipo de operação é comparável às armas nucleares, visto que possuem mais precisão, causam menos vítimas e dispõem de um alcance maior do que qualquer arma do arsenal do ELP (KREKEL, 2009).

No campo das provocações psicológicas, a China tem realizado uma série de ações. Em junho de 2008, por exemplo, tropas do ELP penetraram o território indiano cerca de um quilômetro, em virtude de conflitos fronteiriços não resolvidos desde a Guerra Sino-Indiana de 1962. Na disputa entre a China e o Japão pelas ilhas Senkaku, em dezembro de 2008 dois navios de guerra do ELP adentraram nas águas que circundam as ilhas, mas retraíram após Tóquio apresentar um protesto formal (EUA, 2009a). Os ataques cibernéticos, de autoria provavelmente chinesa, ocorreram em várias ocasiões, dentre as quais destacam-se a cópia dos dados do *notebook* do Secretário de Comércio dos EUA quando em visita à China em maio de 2008; o ataque ao Departamento de Assuntos Internacionais das Filipinas em março de 2009 e o ataque ao Ministro das Finanças da Coreia do Sul em abril de 2009

(KREKEL, 2009). Estas provocações, sempre em pequenas proporções, visam a aferir o grau de reação do inimigo, a fim de empregar os resultados em futuras manobras de crise.

Em suma, é possível associar os ensinamentos de Mao, que ressaltava a importância de atingir as mentes do inimigo a fim de inquietá-lo e confundi-lo, com as diversas atuações e formas da Guerra Psicológica empreendidas atualmente pela China por meio de Contrainteligência, aparatos tecnológicos modernos e provocações em situações reais.

3.8 A Guerra Prolongada no século XXI: negar o uso do mar, Guerra Eletrônica e Guerra Cibernética

Uma característica marcante das teorias militares de Mao é o conceito de Guerra Prolongada. Durante a Guerra de Resistência à invasão japonesa (1937-1945), Mao recorreu aos princípios de Guerra Prolongada em função da grande diferença entre as forças japonesas e as chinesas. Segundo Mao, essa assimetria, militarmente favorável aos japoneses, nunca seria absoluta e por este motivo, considerava que os invasores apresentavam alguns fatores de fraqueza, os quais poderiam propiciar certas vantagens para a China (TSÉ-TUNG, 1967b).

Mao afirmava:

A vantagem do inimigo pode ser reduzida e suas deficiências agravadas pelos nossos esforços [dos chineses]. Por outro lado, nossas vantagens podem ser reforçadas e as nossas deficiências corrigidas pelos nossos esforços. Assim, podemos obter a vitória final e evitar a subjugação, enquanto o inimigo será finalmente derrotado e será incapaz de evitar o colapso de todo o seu sistema imperialista (TSÉ-TUNG, 1967b, p. 31, tradução nossa).

Para que o desequilíbrio entre as forças pudesse ser minimizado, Mao averbava que a guerra deveria ser prolongada. E para obter a vitória, seria fundamental a perseverança para resistir à superioridade inimiga, bem como o emprego correto de táticas políticas e militares, tais como a guerrilha (TSÉ-TUNG, 1967b).

A estratégia central seria desgastar o inimigo, abalar o seu moral e o seu desejo de lutar, levá-lo à exaustão física e financeira, a fim de promover um balanceamento entre as forças. Durante um longo período de equilíbrio entre as partes, seria necessário reorganizar as forças, desenvolver novas técnicas de combate e mobilizar o povo para a luta, a fim de, em uma última fase, executar uma contraofensiva (TSÉ-TUNG, 1967b).

Atualmente, a China adota uma estratégia para empregar uma modalidade de Guerra Prolongada, cuja razão é encontrada, principalmente, na sua interpretação diante da questão sobre Taiwan. A política é clara ao denominar Taiwan como uma província separatista, assim como a sua insatisfação a respeito das relações entre os EUA e Taiwan:

O impacto das incertezas e os fatores de desestabilização no ambiente de segurança da China no exterior, segurança nacional e de desenvolvimento estão crescendo. Em particular, os Estados Unidos da América continuam a vender armas a Taiwan, em violação aos princípios consagrados nos três acordos sino-americanos, causando sérios danos às relações sino-americanas, bem como à paz e à estabilidade no estreito de Taiwan (CHINA, 2008, p.2, tradução nossa).

Segundo o Departamento de Defesa dos EUA (EUA, 2009a, p.43), alguns analistas sustentam que Pequim, em uma situação de crise político-estratégica, demonstraria suas intenções de emprego das Forças Armadas, seguido de uma deliberada escalada para obter rapidez nos engajamentos. Outros analistas acreditam que a China sacrificaria um planejamento sofisticado em prol da surpresa para forçar uma rápida solução militar para a questão de Taiwan a fim de evitar a reação dos demais Estados. Entretanto, caso tais estratégias fossem derrotadas, a China adotaria a seguinte conduta:

- a) deter uma intervenção dos EUA;
- b) em caso de falha, retardar as forças de intervenção e buscar a vitória em uma guerra rápida, limitada e assimétrica; ou
- c) combater em uma situação de impasse e buscar uma solução política após uma guerra prolongada.

Neste sentido, de acordo com Guangqian e Youzhi (2005, p. 456-457), a China

empregaria cinco combinações de forças regulares e irregulares em combate:

- a) tropas regulares de grandes massas;
- b) guerra regular e guerra de guerrilha no mar;
- c) armas de alta tecnologia e armas comuns;
- d) guerras militares, políticas e econômicas.

Para tanto, a China empregaria a estratégia naval de negação do uso do mar, para a qual vem se preparando²³, principalmente com seus submarinos da classe *Kilo*, *Song*, *Shang* e *Yuan* (EUA, 2009a). Segundo Geoffrey Till, “[...] a negação do uso do mar é a guerrilha no mar.” (2004, p. 158, tradução nossa).

Para Blasko (2010), a referência à “guerra de guerrilha no mar” se traduz pela tática empregada nos incidentes ocorridos em 2009, quando cinco embarcações civis chinesas e uma fragata perseguiram os navios da Marinha dos EUA *Impeccable* e *Victorious*²⁴.

Assim, a China resgataria a concepção básica do emprego de táticas de guerrilha de Mao, que contribuiu para a estratégia de guerra prolongada contra os japoneses, agora com uma nova “roupagem” aplicada à guerra naval, procurando se preparar para uma contenda contra um adversário com Poder Naval superior.

Outros elementos podem ser citados que contribuiriam para a estratégia de negação ao acesso ao teatro de operações e ao uso do mar e, conseqüentemente, para o êxito de uma estratégia de guerra prolongada.

Os estudiosos do ELP citam o termo “bloqueio de informações”, que dificultariam a iniciativa das ações, fundamental nas fases iniciais de uma campanha. Para tal, a China vem

²³ Segundo o Escritório Naval de Inteligência dos EUA, sem citar números precisos, “quando comparados aos níveis históricos das últimas duas décadas, o número operações de patrulha de submarinos chineses mais que triplicou nos últimos anos.” (EUA, 2009b, p. 40).

²⁴ De acordo com a CNN, rede de notícias dos EUA, entre os dias 4 e 8 março de 2009, cinco embarcações de pesca e uma fragata chinesas manobram agressivamente e se aproximaram perigosamente de dois navios dos EUA que estariam em águas internacionais no Mar do Sul da China. Em uma das situações, uma das embarcações chinesas determinou aos navios dos EUA se ausentarem do local por estarem realizando operações ilegais (Disponível em: <<http://edition.cnn.com/2009/POLITICS/03/09/us.navy.china/index.html#cnnSTCText>>. Acesso em: 9 ago. 2010).

desenvolvendo capacidades de Guerra Eletrônica e a Guerra Cibernética, incluindo o emprego de instrumentos militares e não militares do poder do Estado em todas as dimensões do campo de batalha moderno, incluindo o espaço exterior (EUA, 2009a). A Guerra Cibernética teria como propósito atingir certas vulnerabilidades críticas de comando, controle e comunicações baseados em sistemas informatizados, a fim de paralisar ou no mínimo retardar as forças adversárias (CLIFF *et al.*, 2007).

Conclui-se que a China contemporânea resgata as teorias fundamentais de Mao a respeito de Guerra Prolongada, aplicando-as sob um mesmo enfoque de derrotar um adversário militarmente superior. A adequada utilização de novas tecnologias, armas e equipamentos específicos, permitiria retardar a chegada do inimigo ao teatro de operações e postergar o desfecho do conflito. Assim, o desgaste das forças do oponente, afetando o seu desejo de combater e principalmente o seu esforço financeiro para a guerra, poderia proporcionar uma inversão da superioridade militar em favor dos chineses.

4 CONCLUSÃO

Como foi possível analisar no decorrer do presente trabalho, as características do ELP atualmente são ricas em influências de Mao.

Considerando a evolução estratégica militar chinesa desde 1927, podemos afirmar que Mao foi fundamental para a formação da base doutrinária do ELP, ao identificar as estratégias apropriadas para obter as vitórias militares, empregando as interações dos fatores operacionais espaço, tempo e força para a condução de uma Guerra Popular prolongada a fim de derrotar um adversário mais forte, além do emprego de táticas de guerrilha complementares às ações dos exércitos regulares.

Prosseguindo a sua influência, o líder chinês incentivou o desenvolvimento de uma marinha, uma força aérea e de armas nucleares após a Revolução Chinesa em 1949. Desde então, ocorreu uma constante adaptação da doutrina ao longo do tempo, baseando-se nas hipóteses de emprego de suas Forças Armadas. Assim, a China analisa o cenário internacional, observando os outros Estados e, como consequência, vem realizando uma ampla modernização de suas armas e seus equipamentos.

Apesar da inevitável modernização material, a influência de Mao se faz presente, na medida em que a China renova o conceito da Guerra Popular, sem a característica original de participação dos camponeses armados. Atualmente, a China resgata as teorias maoístas para que a mobilização popular se dê no sentido intelectual, a fim de que se promova um desenvolvimento científico-tecnológico que seja aplicado na defesa nacional.

É neste sentido de Guerra Popular que as milícias exercem atualmente um papel fundamental na estrutura militar chinesa. As características originais de composição essencialmente popular, com a tarefa precípua de apoio às forças regulares, participando cada vez mais dos exercícios militares conjuntos, demonstram a importância dessa tradicional

instituição concebida por Mao no contexto da China contemporânea. Além de facilitar uma eventual necessidade de mobilização para um conflito, as milícias permitem que as forças regulares se concentrem em suas atividades principais.

No campo político, permanecem em vigor as orientações de Mao a respeito da subordinação das Forças Armadas ao PCC, que procura constantemente reforçar esta política de controle através da edição regular de novas regras.

Como consequência desse controle político, a China mantém o doutrinação político dos militares até os dias de hoje, conforme as recomendações de Mao, de modo que a presença de representantes do partido nas unidades militares facilite a compreensão dos objetivos políticos no nível operacional, o que permite maior agilidade e rapidez na tomada de decisões.

Tal como Mao sustentava, a China contemporânea realiza uma atualização constante dos assuntos militares, considerando as evoluções globais, sem abandonar as características do povo chinês. Eis que, mantendo-se fiel às suas tradições, as Forças Armadas buscam adequar os novos conceitos e tecnologias à realidade chinesa.

Além disso, os acadêmicos militares contemporâneos voltam às bases filosóficas e resgatam novamente os ensinamentos de Mao a respeito da importância da estratégia, do método e da valorização do homem sobre o material e as novas tecnologias. Neste sentido, o propósito é permitir que forças inferiores possam derrotar um oponente mais forte, adotando os princípios da Guerra Assimétrica para manter a iniciativa das ações.

As várias vertentes da Guerra Psicológica empreendidas atualmente pela China representam uma herança dos ensinamentos de Mao, que averbava a importância de confundir a mente do inimigo.

As teorias clássicas de Mao a respeito de Guerra Prolongada são visíveis atualmente sob um novo enfoque e se fundem com os meios disponíveis de Guerra

Assimétrica e Psicológica. O desenvolvimento de novas tecnologias, a aplicação de doutrinas modernas, a aquisição de armas e equipamentos tecnologicamente avançados podem ser empregados sob um novo enfoque de guerrilha no mar ou para proporcionar um choque psicológico, a fim de desgastar e retardar a reação do adversário. O prolongamento do conflito afetaria o seu desejo de combater e comprometeria o seu esforço financeiro para a guerra. Tudo isso levaria ao adversário desistir de combater ou possibilitaria equalizar as forças para empreender uma contraofensiva, tal como Mao teorizou.

O conceito de defesa ativa de Mao se faz presente na atual doutrina estratégica da defesa ativa descrita na Política Nacional de Defesa da China de 2008. Da mesma forma que o pensamento original, a atual estratégia adota uma postura defensiva, mas reconhece o valor da ofensiva tática para destruir o inimigo como única maneira de alcançar objetivos estrategicamente defensivos.

Por fim, embora analisados separadamente, os conceitos ora apresentados são indissociáveis, compondo uma única doutrina que, apesar dos avanços tecnológicos de armas e equipamentos, ainda é baseada em alguns aspectos tradicionais, apresentados neste trabalho sob o enfoque dos conceitos, teorias, estratégias e doutrinas de Mao Tsé-Tung, considerados válidos até os dias de hoje na China.

REFERÊNCIAS

ALMOND, Mark. **O livro de ouro das Revoluções**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

BLASKO, Dennis. PLA Ground Forces: The view from Beijing. **Asia Program Special Report**. Washington, n. 135, 2006a. Disponível em: <http://www.wilsoncenter.org/topics/pubs/asia_135.pdf>. Acesso em: 22 mar. 2010.

BLASKO, Dennis. Observations on Military Modernization and International Influence. In: NATIONAL DEFENSE UNIVERSITY PACIFIC SYMPOSIUM, 1. 2006, Washington D.C. **China's Global Activism: Implications for U.S. Security Interests**. Washington D.C.: National Defense University Press, 2006b. Disponível em: <<http://www.ndu.edu/inss/symposia/pacific2006/Blaskopaper.pdf>>. Acesso em: 02 ago. 2010.

BLASKO, Dennis. Chinese Strategic Thinking: People's War in the 21st Century. **China Brief: a journal of analysis and information**, Washington, v. 10, n. 6, p.5-9, 18 mar. 2010. Quinzenal. Disponível em: <http://www.jamestown.org/programs/chinabrief/single/?tx_ttnews%5Btt_news%5D=36166&tx_ttnews%5BbackPid%5D=414&no_cache=1>. Acesso em: 29 mar. 2010.

BRASIL. Ministério da Defesa. **Glossário das Forças Armadas**. 4. ed. Brasília: Ministério da Defesa, 2007.

BROWN, Harold; PRUEHER, Joseph W.; SEGAL, Adam. **Chinese Military Power**. New York: Council On Foreign Relations, 2003.

CLIFF, Roger *et al.* **Entering the Dragon's Lair: Chinese Antiaccess Strategies and Their Implications for the United States**. Santa Monica: Rand Corporation, 2007. Disponível em: <http://www.rand.org/pubs/monographs/2007/RAND_MG524.pdf>. Acesso em: 06 ago. 2010.

CHINA. State Council of the People's Republic of China. **China's National Defense in 2004**. Beijing, 2004. Disponível em: <http://english.gov.cn/official/2005-07/28/content_18078.htm>. Acesso em: 22 mar. 2010.

CHINA. State Council of the People's Republic of China. **China's Political Party System**. Beijing, 2007a. Disponível em: <<http://www.china.org.cn/english/news/231852.htm>>. Acesso em: 22 mar. 2010.

CHINA. Hu Jintao. Communist Party of China. **Hold High The Great Banner of Socialism with Chinese Characteristics and Strive for New Victories in Building a Moderately Prosperous Society in All Respects**. Report to the 17th National Congress of the Communist Party of China. Beijing, 2007b. Disponível em: <http://english.people.com.cn/90001/90776/90785/629_0120.html>. Acesso em: 15 jun. 2010.

CHINA. State Council of the People's Republic of China. **China's National Defense in 2008**. Beijing, 2008. Disponível em: <http://english.gov.cn/official/2009-01/20/content_1210227.htm>. Acesso em: 22 mar. 2010.

ESTADOS UNIDOS DA AMERICA. Department of Defense. **Military Power of the People's Republic of China 2009**. Washington, 2009a. Disponível em: <http://www.defense.gov/pubs/pdfs/China_Military_Power_Report_2009.pdf>. Acesso em: 06 ago. 2010.

ESTADOS UNIDOS DA AMERICA. Office of Naval Intelligence. **The PLA Navy: A modern Navy with Chinese characteristics**. Suitland, 2009b. Disponível em: <<http://www.fas.org/irp/agency/oni/pla-navy.pdf>>. Acesso em: 02 ago. 2010.

FRAVEL, M. Taylor. China's Search for Military Power. **The Washington Quarterly**, Washington, v. 31, n. 3, p.125-141, 2008.

GRIFFITH, Samuel B. **The Chinese People's Liberation Army**. New York: McGraw Hill, 1967.

GUANGQIAN, Peng; YOUZHI, Yao (Ed.). **The science of military strategy**. Beijing: Military Science Publishing House, 2005.

JIANG, Lei. **Modern Strategy for Using the Inferior to Defeat the Superior**. Beijing: National Defense University Press, 1997.

KAMPHAUSEN, Roy; SCOBELL, Andrew (Ed.). **Right sizing the people's liberation army: exploring the contours of china's military**. Carlisle: Strategic Studies Institute, 2007.

KAMPHAUSEN, Roy; SCOBELL, Andrew; LAI, David. **Beyond the strait: PLA missions other than Taiwan**. Carlisle: Strategic Studies Institute, 2009.

KREKEL, Bryan. **Capability of the People's Republic of China to Conduct Cyber Warfare and Computer Network Exploitation**. Mclean: Northrop Grumman Corporation, 2009.

LI, Nan. New developments in PLAs operational doctrine and strategies. **Issues & Insights: China's evolving military doctrine**, Honolulu, v. 6, n. 20, p.5-12, dez. 2006. Disponível em: <<http://www.comw.org/cmp/fulltext/0612li>>. Acesso em: 10 jul. 2010.

LI, Xiaobing. **A history of the modern chinese army**. Lexington: The University Press Of Kentucky, 2007.

MULVENON, James; YANG, Andrew. **Seeking truth from facts: a retrospective on Chinese military studies in the post-Mao era**. Santa Monica: RAND, 2001. Disponível em: <http://www.rand.org/pubs/conf_proceedings/2007/CF160.pdf>. Acesso em: 13 jul. 2010.

MULVENON, James; YANG, Andrew. **The People's Liberation Army as Organization**. Santa Monica: RAND, 2002. Disponível em: <http://www.rand.org/pubs/conf_proceedings/CF182/>. Acesso em: 10 jul. 2010.

PEHRSON, Christopher. **String of pearls: meeting the challenge of China's rising power across the asian littoral**. Carlisle: Strategic Studies Institute, 2006. Disponível em: <<http://www.strategicstudiesinstitute.army.mil/pdffiles/pub721.pdf>>. Acesso em: 8 jun. 2010.

PILLSBURY, Michael. **China debates de future security enviroment**. Washington: National Defense University Press, 2000.

ROBERTS, Thomas C. **The Chinese People's Militia and the Doctrine of People's War**. Washington D.C: National Defense University, 1983.

SCOBELL, Andrew. **China and Strategic Culture**. Carlisle: Strategic Studies Institute, 2002.

SCOBELL, Andrew; WORTZEL, Larry (Ed.). **Civil-military change in china: elites, institutes, and ideas after 16th Party Congress**. Carlisle: Strategic Studies Institute, 2004.

TILL, Geoffrey. **Seapower: a guide for the twenty-first century**. London: Frank Cass Publishers, 2004.

TING, Li. **Militia of Communist China**. Hong Kong: Union Research Institute, 1954.

TSÉ-TUNG, Mao. **An antology of his writings**. Edited by Anne Fremantle. 6 ed. New York: The New American Library, 1962.

TSÉ-TUNG, Mao. **Selected Military writings of Mao Tse-Tung**. 2 ed. Foreign Language Press: Peking, 1967a.

TSÉ-TUNG, Mao. **On Protracted War**. Peking: Foreign Languages Press, 1967b.

TSÉ-TUNG, Mao. **On Guerrilla Warfare**. Tradução de Samuell B. Griffith II. Baltimore: The Nautical & aviation, 1992. Original chinês.

TSÉ-TUNG, Mao. **The art of war by Mao Tse-Tung: Special Edition**. El Paso: El Paso Norte Press, 2005.

TSÉ-TUNG, Mao. **O Livro vermelho: Citações do comandante Mao Tsé-Tung**. São Paulo: Martin Claret, 2006.

VISACRO, Alessandro. **Guerra Irregular: terrorismo, guerrilha e movimentos de resistência ao longo da história**. São Paulo: Contexto, 2009.

WHITSON, William; HUANG, Chen-Hsia. **The Chinese High Command: A History of Communist Military Politics, 1927-71**. New York: Praeger Publishers, 1973.

WORTZEL, Larry M. **Dictionary of contemporary Chinese military history**. Westport: Greenwood Press, 1999.

WORTZEL, Larry M. **China's nuclear forces: operations, training, doctrine, command, control, and campaign planning**. Carlisle: Strategic Studies Institute, 2007.